

Do mesmo autor das séries

EU CÔMICO
O Maior Maluco do Riso!

A CASA DOS
ROBOTS

ESCOLA

DE BESTIAL A BESTA!

9

O maior
cromo do
mundo!

N.º 1 em todo o mundo

James Patterson e Chris
Tebbetts

Mais de 350 milhões de livros vendidos

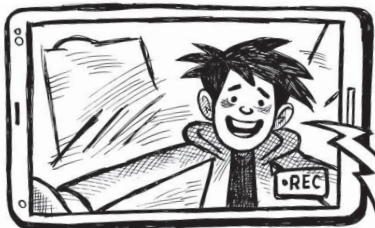
booksmile

**ESTE LIVRO É PARA OS LONDONDERRYS:
BARBARA, JAN, JOE, RUTH E VICKI
C. T.**

CAPÍTULO 1

FAZER AS MALAS





Olá a todos. Sou eu, o Rafael
Não tenho muito tempo porque daqui
a cinco minutos tenho de entrar no
carro... Para ir ao aeroporto... para
apanhar um avião... para partir
para Londres.

Sim, essa Londres. A grande, em
Inglaterra. É uma viagem de estudo
e vamos ver todo o tipo de *ingleses*, como
o Palácio de Buckingham, a Torre de
Londres, o Museu de Arte Moderna e o London
Eye, que é uma espécie de roda-gigante de
estações espaciais de velocidade super-
sónica. Estou louco de entusiasmo!



Mas querem saber o que
é ainda mais louco?



Ainda **NEM FIZ A MALA!** E já
referi que partimos dentro de
cinco minutos? Olhem o que
tenho até agora.



Uma mala bastante vazia...



É aqui deste lado: um monte de roupa, sapatos e artigos de higiene. Não me interessa o que vou vestir em Londres, desde que possa mudar de cuecas todos os dias. E também preciso de sapatos confortáveis. A minha professora de Arte, a professora Donatello, disse que vamos lixar os pés a andar em Londres. (Bem, ela não disse mesmo «lixar os pés».)

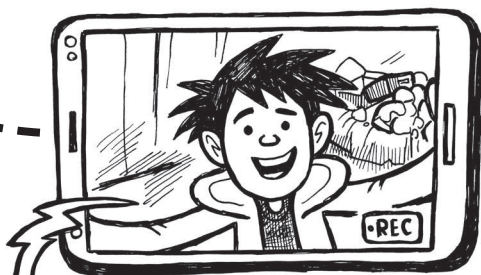
A mãe deu-me 50 libras para gastar. Parece que é assim que chamam ao dinheiro lá por terras da rainha. Mas, no fundo, é quase a mesma coisa que 50 dólares. Eu fico com ele à mesma, mãe, obrigado!



Se já me conhecem, sabem que nunca vou a lado nenhum sem o meu caderno de desenho. Gosto tanto de desenhar como gosto de comer. Ou seja, muito.

E também vou levar emprestado o telemóvel da avó, para poder continuar a fazer estes vídeos. Toda a gente que vai fazer a viagem tem de fazer um relatório sobre ela e o meu vai ser totalmente multimédia, com vídeo, desenho, escrita e outras coisas que ainda nem sei quais são. Ttei de descobrir quando lá chegar.





OK, é melhor começar a fazer a mala!
Na próxima vez que nos virmos, já estarei
do outro lado do oceano Atlântico. Bom,
a não ser que perca o avião e, nesse caso,
podem esquecer tudo o que disse até agora.
Desejem-me sorte! Até logo!



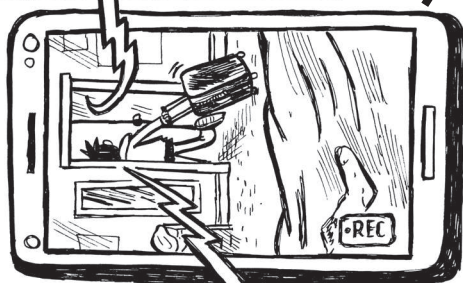


Rafe? A mãe diz que tens de sair já.



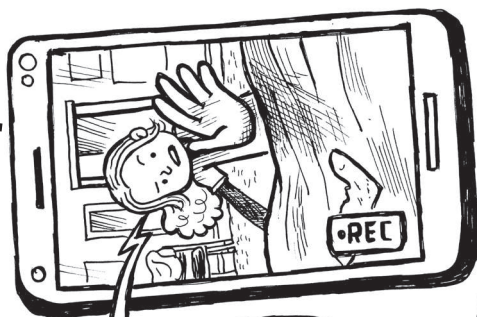
Não te esqueceste de nada?

Já vou!



Não, não me esqueci de nada. E fica longe do meu quarto!

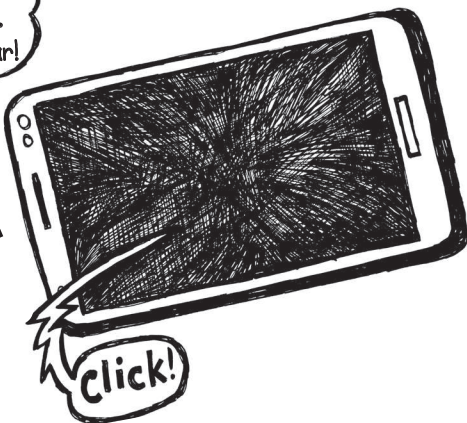




Que idiota.



A sério, Rafe? Já começaste a perder coisas. Esta viagem vai ser um enorme desastre. Posso estar errada, mas admite lá, mano: tu és o rei dos desastres. Portanto, boa sorte — vais precisar dela. E cuidado, Londres, o Rafe está a chegar!



CAPÍTULO 2

ESTÁ NA HORA

No aeroporto, foi uma loucura. Havia pais e miúdos e responsáveis a tentarem encontrar-se uns aos outros, e mais milhões de outras pessoas, todas a irem para meio milhão de outras direções.

E depois havia uma salinha onde, finalmente, conseguimos juntar-nos todos para a grande despedida, antes de eu ir ter com os outros miúdos.

Foi mesmo uma grande confusão, mas eu já começava a ver a aventura que tinha realmente imaginado.



— Entusiasmado? — perguntou-me a avó.

— Sim — respondi, mas na verdade também estava um pouco nervoso.

— Tens a certeza de que tens tudo? — perguntou-me a mãe.

— Sim — respondi, embora tivesse uma estranha sensação de que estava a esquecer-me de qualquer coisa.

— De certeza que tens tudo? — perguntou a Georgia, daquela forma enervante em que sabemos que ela não está realmente a fazer uma pergunta. E mostrou-me o telemóvel com um sorriso supertrocista.

— Onde é que arranjaste isso? — perguntei-lhe.

— Estava em cima da tua cama quando já estavas a sair pela porta da rua, seu génio — respondeu ela.

— Eu disse-te para te afastares do meu quarto — resmunguei, e agarrei no telemóvel.

Quando se trata de bisbilhotar, a minha irmã tem superpoderes. E ela ia, de certeza, ser superbisbilhoteira quando eu estivesse em Londres. Por isso, passei a última semana a assoar-me e a deixar lenços sujos espalhados por cima da secretária e nas gavetas. Também deixei um cocó de cão super-realista no roupeiro e um recado debaixo do colchão a dizer: «PARA DE BISBILHOTAR OU MORRES!»

Assunto arrumado. Não podia continuar preocupado por causa da Georgia. Estava na hora de partir. A professora Stricker gritava aos pais para se despedirem para podermos ir para a fila da segurança, que parecia ter dois quilómetros de comprimento.

— Muito bem, vai lá — disse a mãe, e foi comigo até um bocadinho mais à frente. Quando se trata de despedidas, a mãe gosta sempre de estar um bocadinho sozinha comigo, e eu também não me importo nada. — Isto é tão excitante! A tua primeira ida ao estrangeiro sem mim! — disse ela. — Quem diria que ias tornar-te um viajante tão internacional? Achei que a Austrália já tinha sido suficiente, com todo aquele surf, e os ursos-queda-livre e a aventura dos *bunyips*, que eu pessoalmente preferia esquecer.

Ela parou de falar, embaraçada.

Estava a referir-se à minha última viagem ao estrangeiro — ganhei um prémio num concurso de arte na escola e o prémio foi uma viagem grátis à Terra dos Cangurus. As coisas não correram lá muito bem, mas fiquei contente por ter tido a oportunidade de ir.

Mesmo que tenha acabado em desastre.

— Vais fazer uma viagem maravilhosa, querido — terminou a mãe.

— Pois... — respondi. — Acho que sim.

— Achas? — perguntou ela.

— Bem...

— O que foi?

Ela adivinha sempre quando estou a sentir-me desconfortável com qualquer coisa. E este desconforto não era do tipo de eu o pôr em vídeo para toda a gente ficar a saber. Mas à mãe podia contar, mesmo que lhe parecesse um pouco estranho.

É que isto devia ser uma coisa em grande, certo? Eu tinha muita sorte por ir a um sítio tão loucamente incrível. (A avó deu uma ajuda e pôs os amigos a comprarem uns 20 mil rolos de papel de embrulho na recolha de fundos da escola, e também arranjei uma bolsa, graças à professora Donatello.)

Mas o problema era: os únicos amigos verdadeiros que eu tinha iam ficar para trás, em Hills Village, no lado errado de um enorme oceano. Isso incluía o Flip Savage, o miúdo mais cómico que já conheci, e o Junior, o meu cão e o meu melhor amigo não-humano.

Eu estava sozinho nesta viagem. *Totalmente sem amigos*. Como voltar aos maus velhos tempos da Escola Básica de Hills Village, quando eu era tão popular quanto a Carne Misteriosa das Segundas no refeitório.



— É que... não tenho amigo nenhum nesta viagem.
— Então e a Jeanne Galleta? — perguntou a mãe.
— A Jeanne não conta — respondi. — Ela é muito simpática, mas não somos realmente amigos.

Provavelmente (de certeza), eu não devia gostar tanto da Jeanne como gostava. Mas tentem dizer isso ao meu cérebro. Eu não conseguia evitar.

Naquele momento, a Jeanne estava ao pé dos outros miúdos, com o seu estúpido e perfeito namorado, o Jared McCall, de quem NÃO tenho ciúmes. É só que ele é tão bom em tudo que, às vezes, dá vontade de lhe meter a cabeça numa sanita.

— Bem, eu vejo que há pelo menos uma rapariga a olhar para ti, Rafe. Acho que deves ser mais popular junto das meninas do que imaginas.

— Não digas *meninas* — respondi. — E, além disso, és minha mãe. Tens de dizer coisas dessas.

— Então e a professora Donatello? — continuou a mãe. — Gostas dela, não gostas?

— Claro. Como professora. Não conta propriamente.

— Bem, aqui vai uma ideia. Porque é que não tentas fazer alguns *novos* amigos? — perguntou-me a mãe.

Era difícil responder. Quer dizer, na escola básica já toda a gente me conhecia e não era provável que agora viessem ao de cima todas as partes boas da minha personalidade, para eu começar a exibi-las e a ganhar concursos de popularidade. Naquela altura eu já sabia bastante bem quem eram os meus amigos e *quem não queria ser apanhado a falar comigo nem morto*.

Não sei se a mãe perceberia tudo isto, mas aposto que vocês percebem, certo?

— Talvez — murmurei, o que era mais fácil do que dizer-lhe tudo o que acabei de vos dizer.

— Não faz mal se fores amigável — disse a mãe. — Não gostaria que passasses toda a viagem sozinho com essa tua prancha de desenho.

Ela tinha uma certa razão. Claro que eu tinha levado a minha prancha de desenho. Adoro desenhar, especialmente a minha BD do Falhado, que já devem conhecer. Sem dúvida vão ver alguma dela mais lá para a frente.

— Mas agora é melhor ires andando, antes que a professora Stricker parta sem ti — disse a mãe.

A professora Stricker é a diretora da Escola Básica de Hills Village. E acontece que também odeia o chão que eu piso. Naquele momento, estava a olhar-me maldosamente como se eu estivesse a atrasar todo o aeroporto.

— Desculpa, Ida! — disse-lhe a mãe. — Ele vai já!

— Mmmrrgl — murmurou a professora Stricker, e achei que era algo como: *Devia ter partido sem ele*. Mas não tive a certeza.

— *Bon voyage*, querido! — disse a mãe, e deu-me mais um abraço rápido de boa sorte. — Amo-te. E lembra-te do que eu te disse.

— Vou lembrar-me — respondi. E lembrar-me-ia.

Lembrar-me-ia de cada palavra... assim que passei a estar ocupadíssimo a ser o miúdo *menos* popular de toda a viagem.

Ei, é um trabalho duro, mas alguém tinha de o fazer.



100%

ROCK STAR

• ESPAÇO
• RESERVADO À
JEANNE GALLETTA.

90%

Presidente e capitão de **TUDO.**

80%

Teve grandes sucessos.

70%

Os miúdos que são eleitos
delegados de turma.

60%

Nunca almoça sozinho.

50%

Amigos suficientes, quase sempre.

40%

A vida podia ser **PIOR** (TAMBÉM PODIA
SER MELHOR).

30%

No mínimo, três amigos. Talvez
trabalhe na loja da escola.

20%

Um ou dois amigos, provavelmente
cromos.

10%

Talvez um amigo.

0%

O GRANDE ZERO. Este sou
eu.

ESCALA
DE
POPULARIDADE

POPULARIDADE

CAPÍTULO 3

APRESENTA-SE O DRYDEN

Esperem lá. É verdade que eu estava preparado para ser o solitário e o estranho, mas vocês ainda não sabem a parte *pior*.

Depois de toda a gente se ter despedido, a professora Stricker e os outros responsáveis levaram-nos para um canto e começaram a contar cabeças.

— Nesta viagem, vamos ter quatro chamadas por dia — avisou a professora Stricker. — Quando eu chamar o vosso nome, respondam com um simples e claro «PRESENTE». Não é «iá», não é «hã», nem «sou eu». A resposta certa é «PRESENTE». Entendido?

E depois começou a ler a lista, marcando os nomes por ordem alfabética.

— Katrina Anderson?

— Presente!

— Colin Aziz?

— Presente!

— Andrea Chin?

— Iá! Hã. Quer dizer, presente!

Então, ouvimos alguém aos gritos no aeroporto.

— Com licença! Desculpem! Cuidado! Com licença!

Olhei e vi uma senhora a correr na nossa direção, enquanto acenava à professora Stricker. Atrás dela vinha um homem de fato e gravata, puxando uma mala. Pareceram-me meio chiques, como se tivessem saído da capa da revista *Temos Bué Dinheiro*. Mas nunca os tinha visto antes.

— Peço muita desculpa pelo atraso — disse a senhora quando chegou ao pé de nós. — O Dryden foi fazer um cocozinho à casa de banho das crianças, mas já vem aí.

— Quem é o Dryden? — perguntou alguém atrás de mim. Eu estava a pensar no mesmo. Viria algum miúdo pequenito nesta viagem?

— Está quase na hora de irmos para a porta de embarque — disse a professora Stricker. Tinha uma expressão na cara como alguém que não ia à casa de banho há uma semana. Mas acho que estava a tentar ser educada.

— Sim, sim — disse a senhora. — Mais uma vez, peço muita desculpa, mas nem sei dizer-lhe o quanto o Dryden está ansioso por esta viagem. No verão passado levámo-lo a Hong Kong e ele...

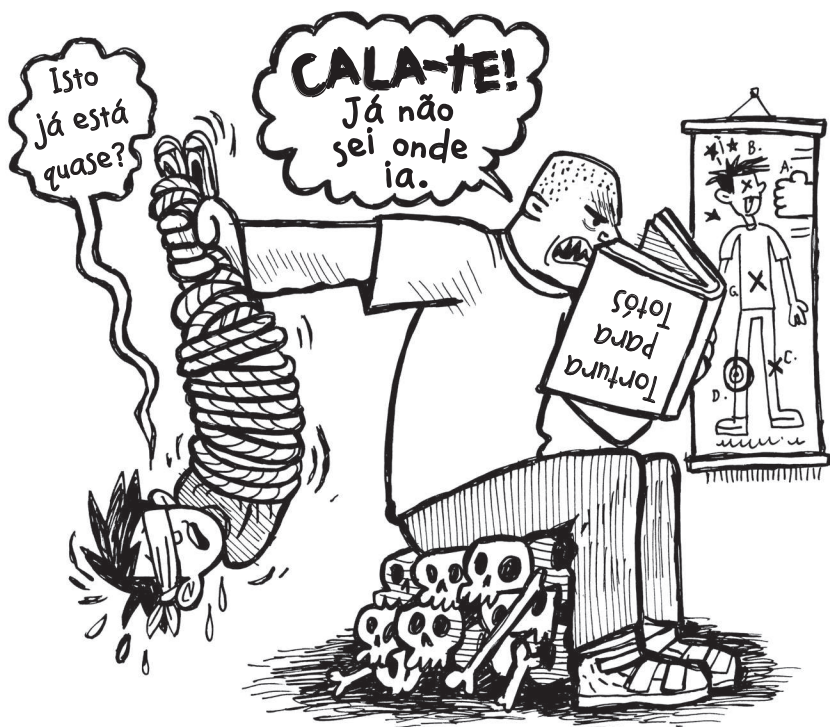
— Cá está ele! — disse o homem de fato. — Despacha-te, Dryden. Upa, upa!

— Já vou, já vou. Tem calma, pai — disse alguém. Quando me virei, nem queria acreditar nos meus olhos. Ali mesmo, a vir na nossa direção, estava ele... o inconfundível... Miller.

Mais conhecido por Miller, o Terrível.

Ou também por Golpe Mortal, em ténis tamanho 40, e o último miúdo ao cimo da terra que eu queria ver naquele momento.

Desde que entrámos para o 2.º ciclo que eu e o Miller temos tido os nossos altos e baixos. A maior parte foi eu a tentar manter-me no *alto* e ele a tentar deitar-me *abaixo*. Durante o campeonato de futebol, tivemos umas tréguas meio estranhas, e as coisas correram bem durante cerca de cinco minutos. Depois do nosso último jogo, o Miller voltou a ocupar quase todo o seu tempo a garantir que eu sofria o suficiente. Acho que toda a gente precisa de ter um passatempo.



Portanto, além de ser desprezível, mau e suficientemente estúpido para ser perigoso, acontece que o Miller também era rico. E chamava-se... Dryden? Na escola, toda a gente o conhecia apenas como Miller. Até os professores. Eu até costumava pensar que o seu nome completo era Miller Miller.

Entretanto, acho que o «Dryden» não gostava desta viagem nem um décimo do que os pais queriam fazer

crer. Estava ali naquele momento, a parecer tão entusiasmado como um boi superfurioso a caminho do matadouro. E isso eram péssimas notícias para todos nós. Porque a única coisa pior do que o Miller Normal era o Miller de Mau Humor.

Até então, ele não tinha sequer reparado em mim. Acho que estava demasiado ocupado a amuar. Mas éramos só 36 miúdos no grupo. Eu não ia conseguir esconder-me para sempre. Era uma questão de tempo até o radar do Miller dar por mim e, então, começar a verdadeira diversão.

E quando digo *verdadeira diversão*, estou a querer dizer exatamente o contrário.



ESTOU PRESTES A EMBARCAR NA VISITA DE ESTUDO MAIS LOUCA DE SEMPRE!

Coisas que podem
correr (mesmo) mal:

- Causar uma tempestade de **vômitos** durante um voo de dez horas;
- Tentar roubar (sem querer) um **tesouro real**;
- Ficar **completamente perdido** numa cidade gigante sem dinheiro nem telemóvel;
- Querer sair com a **namorada** daquele que passará a ser o meu (maior) inimigo;

Mas a **PIOR COISA**
que podia acontecer seria:

Ter de partilhar o quarto
com o **MILLER, O TERRÍVEL**,
(sim, esse mesmo!) e...

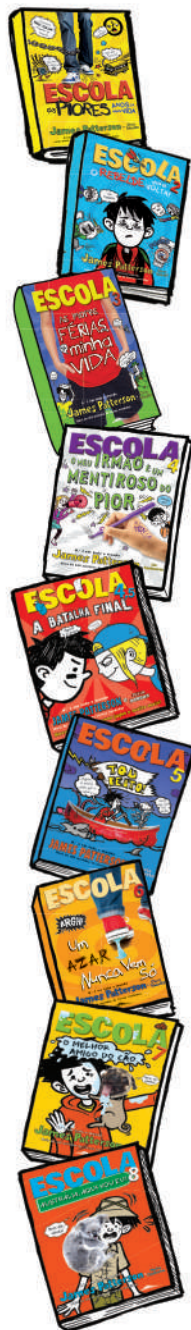
NÃO TER PARA ONDE FUGIR!

Conversa com o Rafe em

 omeujamespatterson



Estes aqui
também são
BEM FIXES!




livros que saltam à vista
20/20 editora

ISBN 978-989-707-669-5


9 789897 076695
Literatura Juvenil